

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

VALTER FERNANDO FARIAS LEMOS JUNIOR

**JUVENTUDE E EDUCAÇÃO NÃO-ESCOLAR:
ESPAÇOS CIDADÃOS?**

PORTO ALEGRE

2014

VALTER FERNANDO FARIAS LEMOS JUNIOR

**JUVENTUDE E EDUCAÇÃO NÃO-ESCOLAR:
ESPAÇOS CIDADÃOS?**

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Professor Paulo Peixoto de Albuquerque

Porto Alegre

2014

AGRADECIMENTOS

Primeiro eu quero utilizar aqui uma expressão que ouvi de meu professor orientador, da qual gostei muito e adotei. Não existe suicídio de classe. E realmente, aqui não existe suicídio de classe. Uso esta expressão pra desabafar o quanto foi difícil concluir nestes oito anos uma graduação que teria duração de quatro anos para um aluno de classe média ou alta. Me afirmo, e tenho orgulho de dizer que fui um aluno favelado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. De acordo com uma colega, o único. Não tenho esta certeza, mas tenho certeza de que se não fui o único, fui um dos poucos. E tento agir, e quero continuar agindo para que outros Valter Lemos, saiam da Iguaçu, minha vila querida, para invadir espaços que nos foram negados durante a história. Sei que como professor não vou correr o risco de perder a posição pelo dinheiro. E também não quero desconsiderar as influencias que o contexto e a história tem em nossas vidas, mas quero citar um comum meu aqui.

Eu fiz meu próprio caminho. E o meu caminho me fez. Não é qualquer dinherin que vai tirá a lucidez que eu carrego na mente tio. Segunda chance é só no vídeo game. Então é bom fica ligeiro. Na pista, pela vitória, pelo triunfo. Conquista, se é pela glória uso o meu trunfo. Na rua é nós. Lutamos por nós, brigamos por nós! (EMICIDA, 2013)

Agradeço aos lugares onde trampei, aos chefes que me ajudaram, aos cobradores do Central que me deixavam ir de Novo Hamburgo a Porto Alegre sem pagar passagem algumas vezes. Aos chefes que não me deram arrego e aos professores que achavam que eu era mais um classe média na UFRGS ou nunca pisaram no barro mesmo, vai outro Emicida.

É melhor seis aprendê a lhe dar com toda essa inveja e esse ódio. Botei a rua no pódio. Óbvio, que não tá nos meus planos tirá ela de lá no próximo episódio. [...] Amor e flow, muito flow. Aí, respeita quem pode chegar onde a gente chegou! (EMICIDA, 2013)¹

Agradeço meus irmãos, todos os dez, em especial o Vagner Lemos (Vaguinho) guerreiro de fé e ao Felipe (Bisunga) que tenha força guerreiro, te espero logo aqui na rua com a gente, a liberdade te espera, mereça ela com nós. A minha irmã Paloma que muitas vezes cuidou da Sofia. Ao Hilton sempre

¹ Cabe constar aqui que todo este trabalho não tem compromisso com as regras ortográficas da língua escrita. Seu objetivo é a comunicação através de seu texto, assim como as letras de rap e a linguagem das ruas.

tranquilo e humilde. Ao Fernando, um cara que sempre lutou por seus sonhos. Ao Cristiano cara que batalha sem precisar mostrar pra ninguém. Ao Fabiano o irmão leal de fé. O Diogo bicho solto, andarilho, o mais livre de nós. Ao Jeferson, Jefinho tome juízo. Ao Douglas, o Dodô sempre sereno e esperto. Ao meu falecido pai que foi *humano, demasiado humano* no melhor sentido que Nietzsche possa ter dado à esta expressão. Ao Pedro, meu padrasto, pela luta que enfrentou pra manter uma família enorme. Agradeço meus camaradas do PCdoB de Campo Bom, camaradas de verdade. Salve a luta, saúde guerreiros!

Pra encerrar lembro as três mulheres da minha vida. Minha mãe Nélia (a Léia) Ferreira, um dos melhores seres humanos que já passaram por aqui, te amo mãe, você foi a minha Makarenko. Minha esposa Crislaine Pereira Carneiro (a Cris) que me apoiou e lutou do meu lado nestes anos, te amo. Minha joia rara, minha filha linda Sofia, o pai te ama.

Não poderia esquecer meus professores, aqueles que deram muito de si pra mim e a outros. Especialmente o meu orientador o Paulo Albuquerque. Esse sabe de mim. Um salve pra todos.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão tem a pretensão de ilustrar a experiência de um espaço cultural criado e gerido por jovens no município de Campo Bom, o Centro Cultural Marcelo Breunig no Rio Grande do Sul, como um exemplo de política pública independente com juventude. A intenção é expor esta iniciativa e estas vivências como uma possível prática a ser observada pelos gestores públicos e pelos estudiosos do tema como uma alternativa de política pública com juventude. A metodologia adotada foi a de um estudo de caso, embasado em Robert Yin (2001), buscando através deste método utilizar uma gama ampla de evidências e recursos para a análise do estudo. Verificando assim documentos, registros, materiais e também entrevistas dialogadas com participantes do espaço. Na busca de resolver o problema de definir se o espaço é um espaço legítimo de juventude e de educação não escolar. Além de estabelecer se este se configura em um espaço cidadão ou não. Compreendendo a educação e a cidadania a partir de uma perspectiva freireana e analisando as nuances deste espaço de ativismo social com auxílio e subsídios fornecidos pelos estudos de Maria da Glória Gohn (1999) sobre educação não-formal e movimentos sociais referenciamos este estudo.

Palavras-chave: Juventude. Políticas públicas. Cultura. Movimentos sociais.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 QUEM É O JACK?	10
2.1 AFINAL, QUEM ERA O JACK?	11
2.2 O CENTRO CULTURAL MARCELO BREUNIG	12
3 POLÍTICAS PÚBLICAS COM JUVENTUDE.	15
3.1 POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE EM CAMPO BOM	18
4 EDUCAÇÃO NO CENTRO CULTURAL MARCELO BREUNIG	23
4.1 EDUCADORES DO CENTRO CULTURAL MARCELO BREUNIG	29
4.2 OS EDUCANDOS DO CENTRO CULTURAL MARCELO BREUNIG	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	40
ANEXO I - (Fotos, logomarca e matéria sobre o CCMB)	42
ANEXO II – (Matéria da Semana da Juventude)	45
APENSO (Termo de declaração de concordância da entidade)	47

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta um estudo sobre uma experiência de legítima política pública independente de juventude, através de pesquisa que busca articular aspectos desta experiência com práticas possíveis de educação cidadã e de promoção de protagonismo juvenil. O objeto de estudo é o Centro Cultural Marcelo Breunig (CCMB), que é uma entidade não governamental criada no ano de 2003 por um grupo de jovens e artistas independentes do município de Campo Bom no estado do Rio Grande do Sul. Esta experiência tem até o atual ano de 2014, treze anos de duração sem nenhum suporte ou recurso público. Criado a partir de uma demanda real de política pública e com uma participação diversa de atores neste processo, seu caráter político é claro e tem em sua origem o forte viés de protagonismo juvenil e caráter independente.

Os objetivos da pesquisa são de expor esta experiência, enquanto um fenômeno que apresente ou não práticas de exercício de cidadania, de democracia, solidariedade e protagonismo juvenil. Podendo ou não nos apresentar contribuições para uma prática de educação com jovens de viés democrático, libertador, de promoção de cidadania e de saberes para além deste espaço. A experiência do CCMB pode inclusive nos trazer possibilidades para o trabalho educativo com adolescentes na escola e outros espaços não-escolares. Além de poder se apresentar como uma prática e um exemplo de política pública com juventude.

A minha trajetória e minha formação se deram pela vivência e pelo meu envolvimento neste espaço desde sua fundação em 2003. O Centro Cultural Marcelo Breunig surge como uma proposta e uma alternativa para a expressão artística e cultural dos jovens artistas independentes de Campo Bom-RS. Estes jovens criam uma pessoa jurídica com estatuto e direção tendo um objetivo a curto prazo: criar um espaço para as bandas de rock da cidade poderem se apresentar. Na época eu era membro da Direção Municipal da União dos Estudantes de Campo Bom. E este espaço tornou-se um ponto de encontro de uma parcela da juventude que era envolvida com música, literatura e política. O espaço passou a ser sede da União dos Estudantes de Campo Bom (UECB), da União da Juventude Socialista (UJS), da União das Associações de Bairros e Vilas de Campo Bom (UABV) e dos artistas independentes da cidade.

Eram três atividades que ocorriam com maior frequência no local: 1- Garagem Aberta (apresentação de bandas independentes da cidade); 2- Sarau Noite na Taverna (Sarau de poesia) e 3- Cine Funde Cuca (exibição de filmes ou documentários seguido de debate). No espaço era consenso que a arte expressada ali deveria ser libertadora, ou seja, expressão com conteúdo que servisse para a reflexão a respeito da sociedade, suas injustiças, o espaço do jovem nela, etc. O espaço surge no município como única alternativa de política cultural de juventude já que os espaços públicos do município não eram abertos a expressão dos artistas locais que não fossem ligados a cultura tradicionalista gaúcha ou de imigração alemã. Diante desta discriminação e da não disposição de diálogo dos agentes públicos, esta parcela da juventude protagonizou a criação do único espaço de referência da juventude na cidade.

Durante estes anos muitos jovens passaram pelo espaço, muitos artistas se apresentaram, muitas capacitações, debates, assembleias, seminários foram realizados. Neste cotidiano o espaço se constituiu em um ambiente de produção de saberes através de sua efervescência tendo a cultura independente como eixo central. Nesta vida ativa do CCMB se constituiu uma rotina através de suas atividades e eventos, além de seus fóruns gestores e de decisão onde a presença de educadores e educandos é intrínseca. A prática da formação é inerente ao ambiente pela densidade de informações, opiniões que orbitam e emergem dele, bem como o acesso a esta infinidade de expressões diversas.

Este trabalho tem a pretensão de observar se o fenômeno CCMB é uma experiência legítima de Política Pública com Juventude, bem como analisar a significância de seu caráter de espaço produtor de conhecimento e de promoção da cidadania. O estudo é desafiador pelo fato de eu estar emergido nas vivências e na produção do CCMB nestes treze anos, tendo assim que exercitar este distanciamento do objeto de pesquisa e buscar ter outros olhares para realizar o estudo. Por isso a escolha do método do estudo de caso embasado em Robert Yin (2001).

[...] o poder diferenciador do estudo é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações - além do que pode estar disponível no estudo histórico convencional. Além disso, em algumas situações, como na observação participante, pode ocorrer manipulação informal. (YIN, 2001, p. 25)

Esta ferramenta que amplia as possibilidades de análise e não incorre nos riscos da observação participante quanto a uma imposição da hipótese do pesquisador nos resultados. Também assumimos a perspectiva deste método enquanto instrumento capaz de subsidiar o estudo teoricamente de maneira abrangente desde o planejamento das estratégias, definição das questões, passando pelo processo e construção dos resultados.

Definir as questões da pesquisa é provavelmente o passo mais importante a ser considerado em um estudo de pesquisa. Assim, deve-se reservar paciência e tempo suficiente para a realização dessa tarefa. A chave é compreender que as questões de uma pesquisa possuem **substância** - por exemplo, "sobre o que é o meu estudo?" - e forma - por exemplo, "estou fazendo uma pergunta do tipo 'quem', 'o que', 'por que' ou 'como'?". Outras questões detiveram-se em detalhes substancialmente importantes (veja Campbell, Daft & Hulin, 1982); o ponto-chave da discussão anterior é que a forma de uma questão fornece uma chave importante para se traçar a estratégia de pesquisa que será adotada. (YIN, 2001, p.24)

Também Yin esclarece como o estudo de caso tem potencial quando as relações do fenômeno estudado com o contexto não tem seus limites explícitos. Desta forma compreendemos que o estudo e as ações a respeito de políticas públicas de juventude estão a quem das reais necessidades que o mundo hoje nos exige. Entendemos que pouco se avançou enquanto políticas de estado neste tema e que o fenômeno estudado pode ser uma referência para ações de estado quanto às políticas públicas com juventude. Portanto há muito a se definir nestes limites entre o fenômeno e o contexto.

1. Um estudo de caso é uma investigação empírica que

a- investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando

b- os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. (YIN, 2001, p. 30)

Portanto nossa questão principal é constatar se este espaço de juventude e educação não formal é um espaço cidadão ou não. Nosso objetivo é através do estudo, diante da análise dos documentos, do histórico, do modelo de gestão e de entrevistas com educadores e educandos constatar se esta experiência é ou não um exemplo legítimo de Política Pública Com Juventude.

2 QUEM É O JACK?

Eu não sou o Jack. Eu sou Valter Fernando Farias Lemos Junior, nascido em 1981 em Porto Alegre, segundo filho de pai alcoólatra e de mãe doméstica entre outros dois irmãos e uma irmã. Aos oito anos minha mãe se separa de meu pai devido as dificuldades financeiras e a constante violência. Mudamos para Novo Hamburgo, cerca de 40 quilômetros da capital, para a casa do novo companheiro de minha mãe, pai solteiro de outros quatro meninos. Agora éramos oito. No bairro Canudos aprendi a andar sozinho nas ruas, a ouvir tiros, policia, ver corpos, miséria.

Eu nasci junto a pobreza que enriquece o enredo, eu cresci onde os muléque vira home mais cedo [...] Eu podia e, se eu quisesse eu vendia, mas sou tudo aquilo que pensaram que ninguém seria [...] na rua é nós, gostamos de nós, brigamos por nós. (EMICIDA, 2013)

Aos oito anos também comecei a trabalhar vendendo picolé, algodão doce, em atelieres de calçado passando cola. E ao concluir a oitava série do fundamental tive que parar de estudar para trabalhar. Não havia estudo noturno para menores de 14 anos e durante o dia eu precisava trabalhar para ajudar a sustentar a família. Nestas alturas minha mãe e meu padrasto, de quem eu apanhava muito, já tinham concebido meus três irmãos mais novos. Agora éramos onze.

Fora da escola, apenas trabalhando comecei a frequentar as esquinas da Vila Iguaçu no bairro Canudos. Conhecia todas as quebradas, todos os pontos de venda de drogas, dos quais, graças a minha falta de habilidade em tragar cigarro,² não virei cliente, no máximo realizei algumas atividades de aviãozinho. Aos 16 anos perdi a mão esquerda trabalhando em uma máquina de injetora³. Via meus amigos que cresceram comigo abandonando a escola, morrendo, matando, indo presos. Resolvi voltar a estudar e na escola me envolvi com o movimento estudantil, através de um amigo que sempre foi uma referência pra mim: Eb⁴, meu vizinho de periferia e um cara com um gosto apurado para música

² Aos 13 anos meus amigos começavam a fumar, eu comprava cigarros e apenas assoprava a fumaça, depois de gastar dinheiro com umas dez carteiras e não sentir nada de diferente desisti. Fiquei só com o álcool mesmo.

³ Máquina que fabrica solas de tênis e outros materiais plásticos.

⁴ Nome fictício, devido a preservação da identidade. Este meio será usado ao longo do trabalho com outros entrevistados.

e literatura. Me apresentou a UJS⁵ e o pessoal do Partido Comunista que acompanhei no primeiro Fórum Social Mundial em Porto Alegre. Fui ao Fórum apenas para beber e fazer festa. De repente parei pra prestar atenção no que as pessoas diziam lá, participei de uma palestra de um uruguaio chamado de Eduardo Galeano e um tal de Leonardo Boff, conheci militantes de vários movimentos sociais. Percebi que aquilo tinha tudo a ver com a minha vida. Porque eu tive que trabalhar desde cedo, parar de estudar, porque meus amigos estavam morrendo, porque morávamos entre treze pessoas dividindo um galpão com o porco da vizinha até que nosso barraco ficasse pronto no terreno “invadido” ou ocupado ao lado? Porque eu tive que perder a mão em um acidente de trabalho aos dezesseis anos? Através do Eb conheci Karl Marx e percebi que eu poderia ser sujeito do meu tempo e da minha história. E comecei a frequentar Campo Bom junto com o Eb e o pessoal do Partido Comunista. O Eb não era o Jack.

2.1 AFINAL, QUEM ERA O JACK?

O Eb era amigo do Jack, o Jack era o Marcelo Breunig. Um jovem militante do movimento estudantil, campo bonense, sapateiro, socialista com uma história parecida com a minha. Escrevia poesias, gostava de música e literatura. Seu sonho era que Campo Bom tivesse um espaço onde os artistas locais pudessem expressar sua produção artística, sua rebeldia, sem serem discriminados como ocorria nos espaços comuns e formais da cidade.

Eu cheguei a conhecer o Jack em 2000 quando entrei pra UJS em Campo Bom, troquei umas três palavras com ele em uma assembleia do orçamento participativo em que ele era delegado e defendia a demanda da UERGS⁶. No ano de 2001 Marcelo foi assassinado aos 19 anos de idade com um tiro nas costas no centro da cidade. O crime nunca foi desvendado, há suspeitas de que teve conotação política. Manifestações foram realizadas, estudantes ocuparam o centro da cidade, a delegacia de polícia, mas o caso foi arquivado por falta de provas. Marcelo Beunig era o Jack, apelido pelo qual seus amigos e camaradas o chamavam. Assim perdemos um jovem líder, humanista e sensível, como mais

⁵ União da Juventude Socialista.

⁶ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

um número entre as estatísticas dos pobres assassinados nos solos da nossa terra.

2.2 O CENTRO CULTURAL MARCELO BREUNIG

O Centro Cultural Marcelo Breunig surge em 2003. Foram meses de esforços por parte dos amigos do falecido Jack, dos militantes da UJS, do Partido Comunista, das bandas de rock da cidade e outros artistas independentes. Só em 2003 com uma lista de apoiadores que poderiam de forma colaborativa contribuir financeiramente para pagar o aluguel de um espaço no centro da cidade o CCMB foi criado. Sua inauguração foi com um Sarau de Poesia intitulado de Sarau Noite na Taverna em alusão ao romance do poeta brasileiro Álvares de Azevedo, o qual Jack muito admirava e que era um jovem protagonista e rebelde no seu tempo.

A partir deste momento o nome e a memória de Marcelo se consolidava em um espaço de referência para a juventude e para os artistas independentes da cidade e alguns da região. O grupo que protagonizou este momento pensou a criação de um estatuto e a necessidade de ampliar a participação na gestão e na vivência deste espaço como um centro de resistência à cultura de massa alienante que era potencializada pela mídia, pelos meios de comunicação e também pelo poder público local.

Este grupo era composto por amigos de Jack como o jovem SL, sapateiro, militante do Partido Comunista que junto com o Jack foi um dos idealizadores do projeto. Hoje SL é membro da direção executiva da entidade, além de ser membro da UAVB (União das Associações de Bairros e Vilas de Campo Bom-RS). Além da percepção da necessidade de ampliar a participação em torno da ideia do CCMB buscando convidar artistas das mais diversas linguagens, o grupo avaliou que além do caráter artístico cultural do espaço e como uma forma de homenagear Marcelo que era um militante das causas sociais era interessante que os movimentos sociais também ocupassem, gerissem e fizessem parte do CCMB. Seria inadmissível, de acordo com a maioria deste grupo, que o espaço não estivesse assumido enquanto um espaço de debate das ideias e como uma ferramenta de luta do movimento cultural, dos ativistas da defesa do patrimônio histórico cultural, dos trabalhadores,

estudantes, artistas, negros, mulheres, gays. Então a UABV, o Movimento Negro, o Movimento Hip Hop através da Nação Hip Hop Brasil, A UBM (União Brasileira de Mulheres), Sindicatos, UECB, movimento LGBT⁷ foram convidados a participarem do espaço e da entidade. As premissas da gestão se pautou pela garantia de contemplar a diversidade e a ação da gestão democrática participativa. Para alguns líderes neste momento, principalmente os ligados ao partido viram na criação da entidade uma forma também de aproximar um público mais amplo das suas ideias, compreendendo um contexto com relação aos movimentos sociais ainda contemplado pela análise de Maria da Gloria Gohn.

A nova cultura política que os movimentos esboçaram no país, de luta pela participação na gestão da coisa pública, de criação de cidadãos e não meros consumidores de direitos estabelecidos, está em crise. Hoje, compreender os movimentos populares é trilhar caminhos indicativos quanto à cultura e ao comportamento político das camadas populares no Brasil dos anos 90. (GOHN, 1999, p. 105)

Neste contexto a situação ainda é mais agravada do que na década de 90, com uma cultura política mais individualizante e consumista. Onde a identidade de cliente desbancava na disputa qualquer ensejo de cidadania. E o CCMB seria uma ferramenta de apoio também para os movimentos sociais em geral naquele contexto, para estabelecerem relação com os estudantes e trabalhadores que não se sentiam seduzidos pelas entidades representativas do movimento. Assim, estes poderiam através das ações culturais do CCMB ter contato com as ideias destes movimentos.

A partir daí nestes treze anos o CCMB consolidou seu lema: Cultura independente para fazer a diferença. Esta frase está estampada junto ao logo da entidade, na fachada do espaço. E durante este período foram realizadas atividades culturais das mais diversas linguagens artísticas, realizados debates, seminários que discutiram temas importantes da realidade social contemporânea como cultura, meio ambiente, violência, educação. Foram realizados congressos e assembleias de diversas entidades no espaço. Constituindo assim um caráter educativo nestas ações como objetivo de provocar esses jovens a pensarem sobre a sociedade, a cultura, a política. Condição que pouco é verificada na

⁷ Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais.

educação escolar. Desta forma o espaço assume uma posição de compreender a necessidade de uma educação crítica radical, que é expressa por Jurjo Santomé como imperiosa.

Não é justo que os alunos durante a escolaridade obrigatória não cheguem a conhecer e refletir sobre as relações de poder existentes nas sociedades em que vivem esses grupos que sofrem de alguma forma de marginalização, a classificação, o seu valor e os motivos pelos quais apareceram essas situações de marginalidade no mundo em que vivemos. Tenhamos presente a luta das mulheres, dos grupos étnicos sem poder, dos povos sem estado, dos gays e lésbicas, etc., que deram relevo através do seu poderoso ponto de vista na definição do que vinha a considerar o conhecimento válido e necessário, a grande desigualdade de oportunidades e, como tal, as situações de injustiça a que estavam sujeitas as pessoas que faziam parte desses grupos. (SANTOMÉ, 2004, p.10)

Estes eventos todos foram organizados e geridos por centenas de jovens que passaram pela vida do CCMB e contribuíram com este e se formaram atuando nele. Foram, de acordo com o portfólio da entidade e dos arquivos e documentos cerca de seiscentas e vinte atividades, com exposições de quadros, fotografias, esculturas, apresentações teatrais e musicais; cerca de setecentos artistas passaram pelo espaço entre músicos, pintores, fotógrafos, escultores, atores (todos independentes), cerca de 60% destes da cidade, 84% residentes da região, 16% de outros locais do estado, país, América Latina e duas atrações europeias. É importante atentarmos nesta altura as características destas evidências dentro de nossa perspectiva de pesquisa. Compreendendo que temos registros em livros de presenças, folders, cartazes, matérias de jornais da imprensa local, as páginas oficiais do CCMB nas redes sociais.

Documentação: Pontos Fortes: estável - pode ser revisada inúmeras vezes; discreta - não foi criada como resultado do estudo de caso e exata - contém nomes, referências e detalhes exatos de um evento; ampla cobertura - longo espaço de tempo, muitos eventos e muitos ambientes distintos. Pontos Fracos: capacidade de recuperação pode ser baixa; seletividade tendenciosa, se a coleta não estiver completa; relato de visões tendenciosas; reflete as ideias preconcebidas (desconhecidas) do autor e acesso pode ser deliberadamente negado.

Registros e Arquivos: Pontos Fortes: [Os mesmos mencionados para documentação]; precisos e quantitativos. Pontos Fracos: [Os mesmos mencionados para documentação]; acessibilidade aos locais graças a razões particulares.

Artefatos Físicos: Pontos Fortes: capacidade de percepção em relação a aspectos culturais; capacidade de percepção em relação a

operações técnica. Pontos Fracos: seletividade, disponibilidade. (YIN, 2001, p. 108)

De acordo com estas evidências a entidade acabou contemplando cerca de setecentos artistas independentes, em cerca de seiscentos e vinte atividades, com um público atingido ao longo destes treze anos que ultrapassou treze mil espectadores. Com idade entre 12 e 60 anos, com determinância de 80% deste público participante com o perfil etário entre 15 e 29 anos de idade. (Informações obtidas pelos documentos do CCMB: registros e Portfólio, 2014)

O espaço é um prédio histórico, conta com um saguão, uma sala de entrada onde ficam expostos quadros, fotografias, uma sala grande onde ocorrem as atividades, uma cozinha, um banheiro e uma biblioteca. O espaço conta com um computador com internet, sofás, um tabuleiro de xadrez. Todos os objetos são oriundos de doações dos frequentadores da casa. Durante a semana é frequentado por adolescentes envolvidos com a UECB, militantes da UJS, artistas independentes e visitantes, sendo aberto diariamente. (Fotos em anexo). Os dados apresentados são fatores que caracterizam o espaço com um fórum de participação e de atividade de um parcela de juventude significativa e diversa.

3 POLÍTICAS PÚBLICAS COM JUVENTUDE.

É latente no contexto brasileiro atual a questão da juventude. A população jovem no ano de 2014 alcançou uma dimensão populacional que ultrapassa cinquenta e um milhões de habitantes e 26% da população nacional. Esta parcela compreende todos indivíduos que tem entre 15 e 29 anos de idade (BRASIL, Art. 1º, § 1º, Lei. 12.852, 2013).

Diante desse prolongamento da experiência juvenil na vida das pessoas, e com base na lei 11.129, que determina ser papel da Secretaria Nacional de Juventude "articular todos os programas e projetos destinados, em âmbito federal, aos jovens na faixa etária entre 15 e 29 anos, o Conselho Nacional de Juventude considera as seguintes faixas: "a juventude (...) congrega cidadãos e cidadãs entre os 15 e os 29 anos.(...) Nesse caso, podem ser considerados jovens os adolescentes-jovens (entre 15 e 17 anos), os jovens-jovens (entre 18 e 24 anos) e os jovens-adultos (entre 25 e 29 anos)". [Repere bem. Esse é um recorte importante. Com essa definição, o govern está decidindo a quem serão destinados recursos, sob a forma de políticas públicas de juventude]. (CONJUVE, 2008, p. 8)

Uma parcela que tem impacto determinante na economia do país, bem como em todos os âmbitos estratégicos pois, além de ser conjunto importante da força produtiva e da vida econômica, os jovens são diretamente relacionados com as políticas de saúde, educação, cultura, assistência social, segurança como mandatários. Mas também como atores protagonistas do cenário nacional nestas áreas principalmente.

Por isso podemos admitir que a primordial exigência da juventude é (expressa através de suas entidades representativas durante os processos de Conferências de Juventude)⁸ a participação e o envolvimento dos jovens no processo de pensar, planejar, elaborar e executar ações que coloquem a juventude e suas demandas em pauta como prioridade do poder público.

A preocupação é porque o Estado não se preparou para receber adequadamente esse enorme contingente de jovens. A oferta de bens e serviços públicos é insuficiente para atender toda a demanda. O Ensino Médio ou o mercado de trabalho, por exemplo, ainda estão longe de atender a todos. Soma-se a isso o baixo conhecimento do poder público sobre a realidade juvenil, o que em muitos casos provoca um desencontro entre as demandas dos jovens e as políticas públicas. (CONJUVE, 2008, p. 8)

Nestes últimos anos pudemos perceber muitas ações governamentais com foco nas demandas da juventude. Como o programa PROUNI (Programa Universidade para Todos), que ampliou a acessibilidade a vagas em graduação com bolsa para jovens pobres em instituições privadas. E atendeu este público universitário com outras ações como o Ciências sem Fronteiras com bolsas de estudo no exterior. Porém com o foco em uma juventude pobre com níveis de vulnerabilidades mais acentuados estabeleceu programas como o PROJOVEM⁹ e o PROJOVEM Adolescente. O primeiro atende jovens que não concluíram o ensino fundamental através de um curso com duração de um ano com um pequeno auxílio financeiro mensal em torno de R\$ 100,00 (cem reais) e também

⁸ 2 - O Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), formado por representantes do poder público (20) e da sociedade civil (40), foi criado em agosto de 2005 para realizar estudos e propor diretrizes para as políticas públicas voltadas aos jovens. (Lei no 11.129 de 30 de junho de 2005. Decreto no 5.490 de 14 de julho de 2005).

⁹ - Programa de Inclusão de Jovens (Lei nº 11.129/2005)

uma formação profissionalizante. O segundo atende jovens adolescentes em situação de vulnerabilidade em comunidades com altos índices de violência.

Estes programas são alvos de muitas críticas de ativistas de Políticas Públicas de Juventude pelas suas deficiências e seus limites. Dentre eles as dificuldades na articulação da união com os municípios na implementação destas políticas, que provocam uma lógica de precariedade na realidade das condições destas ações como afirma Sposito.

Assim, é preciso reconhecer que, de um lado, observa-se a expansão da escolaridade em condições precárias; de outro, uma intensa disseminação desse tipo de ação não escolar, para os mesmos jovens que vão para uma escola degradada. Soma-se, assim, uma proposta escolar precária com a participação obrigatória em programas educativos. (SPOSITO, 2008, p.90)

Os altos índices de evasão são uma das consequências destes limites que acabam tornando questionáveis os reais impactos destas políticas governamentais nas vidas destes jovens e no cenário social mais abrangente. Quanto às políticas de estado pouco ou nada ocorreu de significativo além do Estatuto da Juventude, Lei Federal nº 12.852 de cinco de agosto de 2013. Que é um marco na luta em defesa das políticas de juventude, porém o cenário para sua efetivação é preocupante diante da pouca representação que os jovens e a juventude possa ter no legislativo federal, principalmente diante dos resultados das eleições de 2014 que constituiu um parlamento de orientação mais conservadora do que o atual. Mas o fator mais determinante é a realidade de exclusão da juventude dos espaços de decisão. A falta de instrumentos que propiciem o envolvimento dos jovens na gestão das políticas e do orçamento público, o baixo número de conselhos nos municípios brasileiros e o próprio fato da Secretaria Nacional de Juventude não ter o status de ministério como outras secretarias, a de mulheres e a de negros por exemplo, é outro fato desanimador para a efetivação do Estatuto da Juventude.

A grande questão a ser enfrentada efetivamente pela sociedade no que tange a juventude brasileira é a violência. De acordo com dados do Ministério da Justiça (2014) a morte de jovens no Brasil nos últimos anos é maior do que em zonas de guerra. 40% dos jovens que morrem são vítimas de homicídio. No restante da população, essa taxa cai para 5%. (Ministério da Saúde, 2003). 70%

dos óbitos entre os jovens se devem a causas externas evitáveis. (Ministério da Saúde, 2003).

A taxa de homicídios entre os jovens é duas vezes e meia maior do que entre os outros segmentos etários. Enquanto o número de assassinatos se manteve estável no restante da população, entre a juventude esse índice cresceu 81,6% nos últimos 22 anos. (UNESCO, 2002).

Enfrentamos um fenômeno que vem sendo chamado de genocídio dos jovens negros no país. Enquanto os números de homicídios caem com relação a outros grupos etários, entre os jovens este número aumenta. Entre os jovens negros este aumento é muito mais acentuado e alarmante.

A Secretaria Nacional de Juventude apresentou recentemente o programa Juventude Viva, mas que até o momento se apresenta como um conjunto de intenções de políticas governamentais e não se efetiva na vida concreta. Não vemos políticas de estado necessárias e com real efetividade para este enfrentamento. O próprio PRONASCI¹⁰ uma política do Ministério da Justiça teve o PROTEJO¹¹ um projeto interessante e com investimentos e recursos significantes, que poderiam possibilitar uma ação efetiva de política pública de juventude, com trabalho com jovens em vulnerabilidades em comunidades violentas, foi mais uma política de governo. Tendo tempo limitado de duração e não se apresentando enquanto uma política de estado. Mas afinal devemos nos perguntar: Quem são estes jovens que morrem? São jovens pobres, negros, de comunidades pobres e vulneráveis, excluídos da escola, do trabalho. Desta forma, não seria absurdo nenhum de nossa parte questionarmos: Política para pobre tem que ser pobre?

3.1 POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE EM CAMPO BOM¹²

Campo Bom é uma cidade de porte médio, com cerca de 61000 habitantes, localizada na região do Vale do Rio dos Sinos, cerca de 40 quilômetros da capital Porto Alegre (IBGE, 2012). É uma cidade de imigração

¹⁰ Programa Nacional de Segurança com Cidadania.

¹¹ Programa de proteção a jovens.

¹² Os dados desta parte do estudo foram retirados do Diário Oficial do Município, do Portal da prefeitura municipal e de Leis Orçamentárias devidamente descritos nas referências a seguir.

Alemã, emancipada há 51 anos, de perfil econômico industrial, com o 15º Produto Interno Bruto do estado do Rio Grande do Sul, sua economia é determinantemente baseada na indústria coureiro calçadista, sendo este o setor que mais emprega os trabalhadores da cidade. Porém, no que tange a atividade econômica da juventude, podemos afirmar que muitos dos jovens trabalham na indústria calçadista, porém não podemos desconsiderar o advento de uma grande empresa de cartões de crédito que presta serviço de telemarketing, instalada há cerca de 4 anos no município. Esta empresa é a grande empregadora de jovens da região e de muitos jovens da cidade, tendo em Campo Bom mais de 2000 jovens trabalhadores.

A população de faixa etária entre os 15 e 29 anos no município é proporcionalmente parecida com o cenário nacional, cerca de 26% dos habitantes, pouco mais de 16000 pessoas nesta faixa etária (IBGE, 2012). A estrutura pública dispõe de poucos espaços esportivos nos bairros, ou seja, na periferia da cidade, embora em áreas centrais tenha alguns espaços como quadras de futebol, basquete, pista de skate. Cerca 56,6% dos jovens não praticam atividade esportiva. (UNESCO,2004). O município dispõe de um cinema público municipal com entradas ofertadas a preços populares, um teatro municipal pouco frequentado e com pouca programação que tenha o público jovem como alvo. Nos serviços de saúde existem grupos de adolescentes que são dirigidos determinantemente pelos profissionais agentes comunitários de saúde e que atende adolescentes estudantes da rede pública municipal. Não há um setor, ou uma atenção especial do município quanto a saúde dos jovens. A pesar de existir um programa municipal intitulado: Campo Bom sem Crack, este programa se limita a ações dentro das escolas, com o público incluído na rede municipal, por palestras e distribuição de folders “educativos”. O atendimento na rede de saúde é precário, não há serviço de agendamento prévio para consultas nas UBSs¹³, o CAPS¹⁴ não conta com setor álcool e drogas e nem com um serviço distinto (os mesmos profissionais que atendem estes casos trabalham com outros perfis de saúde mental) para o enfrentamento da problemática de usuários crack, que é assumido pela gestão municipal como um problema sério

¹³ Unidades Básicas de Saúde.

¹⁴ Centro de Apoio Psicossocial

a ser enfrentado. Há também uma burocratização e judicialização do atendimento, precisando o usuário ser encaminhado ao serviço por uma UBS (tendo então que esperar uma ficha desde a madrugada para ser atendido por um médico clínico geral) ou ser encaminhado via Ministério Público ou Judiciário em alguns casos.

Com relação ao acesso aos bens e serviços culturais o município conta com uma estrutura que não se descentraliza para a periferia e se limita a atender o público adolescente da rede municipal. Oferecendo oficinas de música, dança e até de grafite¹⁵ na rede municipal, porém limitada aos alunos da rede. No centro da cidade há uma imponente praça construída em 2003 com um custo aos cofres públicos em torno de nove milhões de reais, esta praça tem um palco excelente porém pouco utilizado e acessibilizado aos artistas locais. Contexto que infelizmente se vê no país.

Os poucos cinemas, teatros, bibliotecas e demais espaços de cultura e lazer que existem no Brasil se localizam nas regiões centrais de grandes cidades, principalmente nos estados do Sul e Sudeste. Não é por acaso que a demanda pela criação e democratização de equipamentos culturais é uma das principais reivindicações dos grupos e movimentos juvenis.

O que eles exigem, no entanto, vai além disso. Não se trata apenas de garantir que os jovens consumam cultura, seja ela gratuita ou não. É preciso também criar condições para que a juventude possa produzir e fazer repercutir suas próprias expressões artísticas, dentro e fora dos espaços culturais institucionalizados. (CONJUVE, 2008, p. 8)

É importante ilustrar a experiência de um jovem artista para visualizarmos de forma específica o impacto dramático que esta visão de relação do público e do jovem pode ter na vida concreta. Um jovem artista de dança de rua foi assassinado nesta praça em 2006 com um tiro disparado por um adolescente sob o efeito de crack. Este jovem morto era considerado um dos melhores bboys (praticante de dança de rua da cultura Hip Hop) do Brasil, já havia participado de concursos nacionais e internacionais. Ele fazia parte de um grupo de dança com outros jovens de Campo Bom e protocolou (com custos em dinheiro) na prefeitura inúmeros pedidos para se apresentarem no palco desta praça, nunca receberam nenhuma resposta da gestão municipal. Este jovem através da arte mudou de vida, deixou de beber álcool e fumar, voltou a estudar, e era educador

¹⁵ Expressão das artes plásticas na cultura Hip Hop.

social, trabalhando com crianças. E acabou morrendo com 22 anos, vítima da violência no local onde sonhava expressar sua arte (Informações retiradas de relatos do entrevistado e matéria de jornais).

É importante salientar que existe uma lei municipal da semana da juventude que ocorre sempre na terceira semana do mês de setembro. A semana da juventude deste ano teve uma programação (caricata) de caráter infanto-juvenil conforme reportagem do portal da prefeitura municipal (reportagem anexa). Ela contou com atividade de orientações feita com profissionais da saúde, para adolescentes estudantes da rede municipal, é claro. De diferenciado poderíamos termos tido a atividade com grafiteagem feita pelo grafiteiro e único oficineiro de grafite da rede, com convidados (todos convidados de fora da cidade). O evento teve pouca presença, jovens da cidade não participaram com oportunidade de expressarem sua produção mesmo havendo outros artistas grafiteiros no município com condições e conhecidos pela juventude participante da cultura na região (também é inconcebível que tendo este serviço de oficina disponível para os alunos da rede há cerca de dois anos não haveria um aprendiz que pudesse apresentar seu trabalho neste evento). Também consta na programação o “Caminho das Surpresas”, atividade que faz os alunos adolescentes da rede municipal procurarem por um caminho decorado nas escolas algumas surpresas. Uma atividade infanto-juvenil que expressa o distanciamento da escola, do poder público e seus gestores do que é ser jovem, da juventude e de suas problemáticas.

A programação não contempla de forma nenhuma o público mais vulnerável de juventude, aquele que está envolvido com violência e drogadição. Este público está fora da escola, e muitos poucos estão incluídos no mercado de trabalho e é o mais carente de políticas públicas. Dos sete casos de homicídios em 2014 no município, em cinco deles a vítima era jovem neste perfil de exclusão e vulnerabilidade (dados do portal do Ministério da Justiça, acessado em 10/11/2014).

Outro destaque é que a única atividade de debate sobre política pública que o poder público participou foi como convidado na I Conferência Municipal de Juventude de Campo Bom-RS em 2011, que só ocorreu por que os movimentos sociais através da UECB e CCMB chamaram a realização e organizaram a

atividade devido a inércia do poder público do município (arquivos do CCMB, 2011). Todos os outros municípios da região tiveram a Conferência chamada e organizada pelo poder público, sem necessidade que os movimentos sociais tomassem a frente na organização deste fórum. A grande demanda deste encontro de 2011 foi a criação de um Conselho Municipal de Políticas Públicas de Juventude. Um anteprojeto de lei foi aprovado no legislativo municipal, porém o executivo não o tornou lei. A mesma matéria foi reapresentada na Câmara de Vereadores em 2013 e 2014, desta vez reprovada pela bancada de vereadores do governo.

A administração não conta com nenhum espaço ou setor que seja responsável pelas políticas públicas de juventude, não tendo secretaria ou departamento de juventude. Nas últimas leis orçamentárias a palavra juventude aparece nas áreas referentes aos recursos do gabinete do prefeito e também da assistência social. De maneira bem genérica na suas descrições: atendimento a jovens e com recursos irrisórios (R\$ 70.000,00 por ano) (dados retirados do portal da Câmara de Vereadores de Campo Bom, 2013, 2014). Porém de fato não é possível visualizar estas ações e nem onde ou como foi investido este recurso. As ações que contemplam os adolescentes já incluídos são questionáveis quanto ao seu caráter teórico e de conteúdo, porém o mais grave é invisibilidade da juventude mais vulnerável perante o poder público, o que vai de encontro ao que preconiza os princípios das representações de juventude quanto às Políticas de Juventude.

Frente ao contexto de exclusão social que afeta grande parte da população juvenil do país, as políticas públicas de juventude devem ter caráter redistributivo, ou seja, devem estar orientadas para diminuir as desigualdades entre os jovens e outros segmentos etários e dos jovens entre si.

Para isso, devem ser implementadas, simultaneamente: políticas universais que levem em conta as demandas e singularidades juvenis (como a educação pública e a geração de empregos), políticas emergenciais (apresentando novas chances aos jovens em situação de maior vulnerabilidade social) e políticas específicas (que reconheçam e promovam o potencial e as particularidades da condição juvenil). (CNJ, 2008, p. 14)

Não foi possível entrevistarmos o prefeito e nem o secretário de assistência social sobre as políticas de juventude em Campo Bom (o argumento foi a agenda). Desta forma é explícito que sem a participação dos próprios jovens não alcançaremos políticas e ações mais efetivas. 59% dos jovens acham que o

melhor jeito para resolver os problemas do país é a participação da população nas decisões importantes do governo (Instituto Cidadania, 2004). Além de ficar posto, pela desaprovação da proposta de criação do Conselho de Juventude, uma indisposição da atual gestão pública local de que a juventude participe das decisões.

4 EDUCAÇÃO NO CENTRO CULTURAL MARCELO BREUNIG

A cima foi possível expor um histórico do CCMB e de Campo Bom, contexto no qual o espaço e a vida da entidade está inserida. Desta forma analisamos um panorama da condição da juventude no país, bem como das políticas para este público genericamente em nível nacional. Mais especificamente em nível municipal expomos em que condições as ações referentes aos jovens se apresentam. Cabe agora analisar e ilustrar aqui de maneira mais específica como o CCMB se estabelece enquanto um espaço de educação.

Primeiro é necessário fundamentarmos o conceito de educação que assumimos, para a partir daí podermos afirmar, diante dos fatos, se o CCMB corresponde ou não aos critérios de um espaço de educação. O conceito de educação que assumimos é o de educação enquanto ação intrínseca ao homem, enquanto categoria essencial de seu caráter cultural, histórico. Partimos de uma perspectiva crítica de educação, expressa por Demerval Saviani ao tratar do trabalho educativo:

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objetivo da educação diz respeito, de um lado, a identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esses objetivos. (Saviani, 2007, p.17)

Compreendendo o CCMB como um espaço de produção direta e intencional de humanidade, onde através das relações do indivíduo e dos indivíduos entre si, com os outros e com determinado coletivo, desenvolve-se conceitos, gostos, opiniões, valores e tantos outros fatores constituintes de humanidade. Freire (2002) também nos dá subsídios de posição política de que

a educação deve ser democrática, que provoque a reflexão a respeito do mundo e da sociedade.

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispuesse a constantes revisões. À análise crítica de seus “achados”. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão. Que o identificasse com métodos e processos científicos. (FREIRE, 1967, p. 90)

Assumimos aqui uma dimensão de educação articulada com a experiência, com a vivência. Portanto estes indivíduos que conviveram e convivem no CCMB tornam este, e as experiências vividas nele, constituintes de sua vida, de seus saberes, de sua humanidade. Superando qualquer dúvida que poderia haver quanto ao fato do CCMB ser ou não um espaço educativo e constatando que este o é diante do princípio de educação que assumimos. O desafio agora é constatar de que formas, concreta e objetivamente, a educação ocorre neste espaço.

Se tratando o CCMB de uma instituição não escolar podemos também de antemão estabelecer que a educação praticada no espaço, pela entidade e através dos envolvidos é uma educação não-escolar.

Os espaços onde se desenvolvem ou se exercitam as atividades da educação não-formal são múltiplos, a saber: no bairro-associação, nas organizações que estruturam e coordenam os movimentos sociais, nas igrejas, nos sindicatos e nos partidos políticos, nas Organizações não Governamentais, nos espaços culturais, e nas próprias escolas, nos espaços interativos dessas com a comunidade educativa etc. (GOHN, 1999, p. 101)

Também é necessário estabelecermos que o próprio fato de admitirmos a existência de processos educativos fora do ambiente escolar se dá pela nossa posição epistemológica sobre a educação.

Falar da existência de um processo educativo no interior de processos que se desenvolvem fora dos canais institucionais escolares implica em ter, como pressuposto básico, uma concepção de educação que não se restringe ao aprendizado de conteúdos específicos transmitidos através de técnicas e instrumentos do processo pedagógico. (GOHN, 1999, p. 17)

Porém de que maneira ocorre este processo de desenvolvimento direto e intencional de humanidade com e pelos os envolvidos? Se dá pela vivencia com o CCMB. Esta vivencia compreende participar amplamente de todo o processo

da construção da vida do local em todas as suas dimensões e detalhes. Porém é importante sabermos que é cada indivíduo, com suas peculiaridades, subjetividade, disponibilidade e comprometimento que estabelece seu grau de envolvimento com a entidade. Bem como seu processo formativo.

Quando afirmamos que a educação ocorre na vida, precisamos descrever como é a vida neste contexto. Quais atividades ocorrem, com que frequência, quem organiza e como, quem participa, de que forma. A cima descrevemos a dinâmica de trivialidade do espaço do CCMB. Neste cotidiano temos atividades culturais que são marcadamente as principais atividades da casa pela frequência, são elas o Sarau Noite na Taverna, o Garagem Aberta e o Cine Funde Cuca. O Sarau Noite na Taverna é um sarau de literatura, onde os jovens envolvidos com a casa sendo dirigentes da casa ou de uma entidade que frequenta a casa (principalmente a UECB), ou sendo artista independente envolvido com o espaço, pensam a atividade, estabelecem uma data de acordo com a disponibilidade da agenda junto a direção e estabelecem um membro da direção como responsável.

A partir daí este grupo responsável por esta organização discute qual o caráter do sarau, se este será temático ou livre, como será feita a divulgação e mobilização do público (muitas vezes professoras de literatura da rede pública estadual são convidadas e trazem suas turmas aos sarais). É inegável que o jovem ao qual é delegado o poder e responsabilidade de organizar uma atividade da qual participarão outras pessoas ao enfrentar este desafio vivencia um processo de empoderamento e de aprendizagem pela ação prática. Como explica Maria da Glória Gohn tratando do caráter educativo dos movimentos sociais.

Nos movimentos sociais a educação é autoconstruída no processo e o educativo surge de diferentes fontes, a saber:

- 1) Da aprendizagem gerada com a experiência de contato com fontes de exercício de poder.
- 2) Da aprendizagem gerada pelo exercício repetido de ações rotineiras que a burocracia estatal impõe.
- 3) Da aprendizagem das diferenças existentes na realidade social a partir da percepção das distinções nos tratamentos que os diferentes grupos sociais recebem de suas demandas.
- 4) Da aprendizagem gerada pelo contato com as assessorias contratadas ou que apoiam o movimento.
- 5) Da aprendizagem da desmistificação da autoridade como sinônimo de competência, a qual seria sinônimo de conhecimento. O desconhecimento de grande parte dos “doutores de gabinete” de

questões elementares do exercício cotidiano do poder revela os fundamentos desse poder: a defesa de interesses de grupos e camadas. (GOHN, 1999, p. 51)

No dia da atividade estes organizadores executam o planejamento da atividade dividindo tarefas de organização como decoração do local, recepção dos convidados, condução da atividade, registro desta para alimentar os mecanismos de documentação e divulgação que o CCMB tem como páginas em redes sociais. E participam do sarau lendo seus poemas, ouvindo as leituras de outros participantes e debatendo as questões que surgem nos debates.

Desta forma contemplam as fontes 1 e 2, descritas por Gohn a cima. O item 3 é experimentado por estes jovens no processo de relação com o poder público na solicitação de algum serviço como por exemplo: os agentes do CCMB ao solicitarem atendimento no CAPS a um adolescente que frequentava o espaço e estava envolvido com uso de drogas, como resposta eles observaram a morosidade dos agentes públicos e a falta de atenção do serviço público a um adolescente pobre e vulnerável. Da mesma forma, através das conversas no CCMB, ficaram a par de situação de que uma lei municipal havia sido criada com muita agilidade reduzindo a rigidez nas normas para que um posto de gasolina fosse instalado. O item 4 se concretiza pela participação de jovens ligados ao CCMB em seminários e nas capacitações, como um curso de elaboração de projetos culturais oferecido pela Secretaria de Cultura do Estado. Em debates e reuniões de Conselhos com autoridades se concretiza o item 5.

É importante destacar o caráter cidadão que pode ser atribuído na ação formadora do CCMB. A entidade não compreende apenas um cotidiano de eventos e atividades reflexivas, provocadoras utilizando as diversas linguagens artísticas como indutor de discussões políticas formadoras. Estas de forma descentralizadas com ações fora do espaço do CCMB como escolas com projetos como o: Além dos Muros, onde em parceria com a UECB os membros do CCMB organizam atividades culturais com oficinas, apresentações de artistas da escola e de fora e um momento de bate papo sobre um tema ligado a juventude como violência, participação política, cultura, etc. Ou em atividades nos bairros de periferia como atividades realizadas juntamente com as associações de moradores. Dentre elas o: Sarau Cooperifa (como alusão ao Sarau que ocorre na favela do Capão Redondo em São Paulo-SP que é um

evento reconhecido da cultura e da literatura Hip Hop). Nesta atividade os jovens da comunidade são mobilizados a participarem de oficinas com os quatro elementos da cultura Hip Hop na comunidade, artistas parceiros são convidados para se apresentarem e nos casos dos bairros onde existam grupos de dança, MCs (Mestre de Cerimonia, cantores de rap, que é a música na cultura Hip Hop) ou poetas estes expressam sua produção nestas ações. O CCMB se articula com uma rede de coletivos culturais e artistas do país e do estado. São coletivos de bandas independentes, grupos de artistas de rua, artesãos e até entidades mais organizadas como o coletivo cultural Fora do Eixo junto com o qual o CCMB é responsável de organizar em Campo Bom-RS o evento Grito Rock nos últimos três anos (o maior evento de música independente do país).

Deve-se destacar ainda que esta imensa rede de organizações privadas autônomas, localizadas a margem do aparelho formal do Estado, sem fins lucrativos, mobilizadora de trabalho voluntário, passou a ter uma relação íntima com as mudanças sociais e tecnológicas do final deste século, em duas direções: além de atuar na área da economia informal e gerenciar milhares de empregos, ela também começa a se fazer presente na economia formal, por meio de cooperativas de produção que atuam em parceria com programas públicos e demandas terceirizadas das próprias empresas. (GOHN, 1999, p. 81)

Adiante disto, no contexto de Campo Bom, em 2013 durante o advento das manifestações de junho e julho o CCMB foi o local onde os jovens se reuniram para confeccionar os cartazes das manifestações. A última grande manifestação no município ocorreu em 1993 em uma grande greve do setor coureiro calçadista, dez anos antes desta que foi no dia 31 de junho. A mobilização contou com uma participação de mais de cinco mil pessoas e não teve ocorrências de violência e registrou-se apenas um caso de vandalismo. Mas a grande característica da manifestação em Campo Bom foi o caráter progressista que ela teve, diverso do caráter geral do cenário destas manifestações onde foram mais destacadas as demandas conservadoras como: defesa de um novo golpe militar por exemplo.

O CCMB foi fundamental pra que nesta manifestação a diversidade de opiniões e ideias fossem expostas, mas que se destacassem e tomassem a frente da manifestação reivindicações progressistas como a defesa de mais democracia, a criminalização da homofobia, mais investimentos públicos para a

educação, etc. Sendo o CCMB uma associação e não uma ONG¹⁶ juridicamente, ele é de fato, também, uma organização não governamental, não estatal, e as ações exercidas pela Associação Cultural Marcelo Breunig, ou CCMB, tem um perfil conceituado por Maria da Glória Gohn como ONG *cidadã e militante*:

[...] as ONGs cidadãs e militantes estiveram por detrás da maioria dos movimentos sociais e populares urbanos que delinearão um cenário de participação na sociedade civil, trazendo para a cena pública novos personagens, [...]. (GOHN, 1999, p.76)

Em Campo Bom o CCMB cumpre este papel pela suas relações com os movimentos sociais e sua participação protagonista nas manifestações de junho e julho de 2013 (que são o último grande fenômeno de mobilização social) é prova disto. No que tange a educação cidadã, nosso posicionamento adota o conceito exposto por Gohn como cidadania coletiva. Oriunda de uma acepção do conceito de cidadania elaborada a partir dos movimentos sociais diante de um contexto de necessidade de mudanças.

O desenvolvimento explorador e espoliativo do capitalismo, a massificação das relações sociais, o descompasso do alto desenvolvimento tecnológico e a miséria social de milhões de pessoas, as frustrações com os resultados do consumo insaciável de bens e produtos, o desrespeito a dignidade humana, de categorias sociais tratadas como peças ou engrenagens de uma máquina, o desencanto com a destruição gerada pela febre de lucro capitalista etc., são todos elementos de um cenário que cria um novo ator histórico enquanto agente de mobilização e pressão por mudanças sociais: os movimentos sociais. (GOHN, 1999, p.15)

Diante do estudo exposto pudemos confirmar diante das evidências aqui apresentadas o caráter das ações, a intensidade de vida educativa e de potencial de envolvimento que o CCMB apresenta para seus educandos quanto ao protagonismo social. Utilizando as linguagens artísticas, as possibilidades de relações de convivência, o trabalho em grupo para enfrentar desafios específicos e principalmente pela forma como se dá a articulação das ações da entidade com a sociedade para a compreensão dos educandos. Estabelecendo assim uma maneira abrangente de educação e formação cidadã.

A educação ocupa lugar central na acepção coletiva da cidadania. Isto porque ela se constrói no processo de luta que é, em si próprio, um movimento educativo. A cidadania não se constrói por decretos ou intervenções externas, programas ou agentes pré-configurados. Ela se constrói como um processo interno, no interior da prática social em curso, como fruto do acúmulo das experiências

¹⁶ Organização Não Governamental

engendradas. A cidadania coletiva é constituidora de novos sujeitos históricos: as massas urbanas espoliadas e as camadas médias expropriadas. A cidadania coletiva se constrói no cotidiano através do processo de identidade político-cultural que as lutas cotidianas geram. (GOHN, 1999, p. 16,17)

4.1 EDUCADORES DO CENTRO CULTURAL MARCELO BREUNIG¹⁷

Quanto as impressões dos envolvidos diretos com o Centro Cultural buscamos expor algumas questões centrais para três educadores da entidade. Para captarmos o grau de concepção destes referentes a educação, cidadania e as suas opiniões sobre a ação do CCMB. Os entrevistados são JF (25 anos, Mestrando em Sociologia na Unisinos¹⁸, participante da entidade desde 2005), Éb (36 anos, estudante de História e fundador do CCMB) e SL (38 anos, fundador do espaço e membro da UABV). As perguntas são as seguintes: 1- Que tipo de proposta da entidade favorece uma cultura cidadã? 2- Que atividades realizadas se materializam em ação políticas na comunidade? 3- O que você mais gosta nestas atividades com os jovens? 4- O que não gosta? 5- O que poderia ser proposto e não é? Porque não é?

Realizaríamos uma questão referente a finalidade da entidade e não expomos no trabalho devido a mesma haver sido respondida da mesma maneira pelos três entrevistados. Ambos responderam que a finalidade é de constituir um espaço de resistência cultural, não só quanto as expressões artísticas mas de resistência cultural a hegemonia política, ou seja, um espaço que busque sempre abranger a diversidade em todos os sentidos.

Quanto a primeira pergunta Eb afirmou que o Sarau Noite na Taverna se apresenta como uma atividade que favorece a cultura cidadã pelo potencial que tem de incluir muitos jovens em práticas de leitura. Ele afirma que é essencial para a vida e para o exercício da cidadania o domínio da leitura. E expõe o conceito de cidadão enquanto aquele que vive e participa da cidade. Então questiona como um cidadão pode enfrentar dificuldades para pegar um ônibus se não souber ler.

¹⁷ Os respectivos entrevistados autorizaram e consentiram a publicação de suas identidades, bem como de suas declarações (termo de consentimento à disposição)

¹⁸ Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Em que consiste a cidadania? O que significa ser cidadão? Ser cidadão significa ser sujeito de direitos e de deveres. Cidadão é, pois, aquele que está capacitado a participar da vida da cidade, literalmente e, extensivamente, da vida da sociedade. De fato, o sentido etimológico da palavra cidadão deriva da noção de cidade. Cidadão é, assim, o habitante da cidade. (SAVIANI, p.7, 2000)

O entrevistado JF expõe que além do sarau, o CCMB tem uma gama de atividades que favorecem a cultura cidadã. O projeto garagem aberta que propicia a expressão de artistas e bandas locais e as atividades com os quatro elementos do Hip Hop são também ações favorecedoras de uma cultura cidadã pelo fato de se efetivarem em impacto para as pessoas envolvidas como ações que o poder público deveria atender mas não atende.

SL responde que na grande maioria das atividades um grande objetivo é favorecer uma cultura cidadã. Os debates que permeiam as atividades culturais, seminários, reuniões sempre expressam valores de participação. Ele explica que quando ele conversa com estudante no local ele sempre pergunta se esta já participa da entidade estudantil. Se conversa com um adulto morador de algum bairro questiona sobre a associação do bairro, o trabalhador sobre o sindicato.

Referente a segunda questão as respostas dos entrevistados são articuladas umas com as outras no geral. Eb responde que as atividades que são realizadas de maneira descentralizadas, nos bairros, nas escolas são ações políticas na comunidade.

JF responde que todas as atividades descritas na primeira resposta se efetivam como ações políticas na comunidade. Pois estas atendem e se efetivam como ações que envolvem o público das comunidades. Um exemplo usado foi o papel que o CCMB desempenhou no ano de 2013 para a realização da Conferência Municipal de Cultura. O poder público não tinha intenção de realizar ou organizar a Conferência, então a direção da entidade organizou uma conferência livre da cultura e convidou representantes do poder público. Daí se construiu um diálogo para a realização da Conferência Municipal de Cultura um mês após a Conferência Livre. A Conferência se constituiu em um grande espaço de debate e formação quanto a cultura e às políticas culturais.

SL respondeu que a relação da entidade com os movimentos constrói uma condição de proximidade com a comunidade. Estando assim o CCMB a par e sempre se colocando como parceiro nas demandas da comunidade.

Quanto a terceira questão as respostas expressaram o potencial da entidade em renovar a sua vida cultural pela participação de novos membros. E a satisfação destes enquanto formadores ao perceberem o engajamento dos jovens nos assuntos do CCMB.

Eb responde que gosta mais das atividades do Sarau Literários pelo seu gosto pela literatura. Ele gosta de poder apresentar aos jovens os clássicos, porém o que mais lhe deixa satisfeito é quando os jovens expõe a suas produções.

JF responde que a atividades que ele mais gosta são as que propiciam melhor realizar um contraponto com a visão hegemônica de cultura. Como os debates após os vídeos no Cine Funde Cuca. Os debates do Sarau que são provocados pelos textos expostos e lidos.

SL afirma que é no processo de organização das atividades do Garagem Aberta. Ele percebe os jovens se desafiando no processo de planejamento, organização, divulgação, produção cultural e realização dos eventos, que sempre se dão como uma confraternização enfrentam desafios e crescem neste processo.

Eb afirma que o que menos gosta é das conversas no grupo de e-mail. (O grupo é uma forma de gestão das atividades e da agenda do espaço) Eberson afirma que as vezes não consegue acompanhar o andamento das conversas do grupo e vê as discussões às vezes passando dos limites. Às vezes as divergências ocasionam disputas e divisões nada interessantes para o CCMB.

JF expõe que o que mais o incomoda é quando nos debates ele vê um descompasso na capacidade de compreensão de alguns jovem em relação a outros. Essa sensação de impotência que o fato de não conseguir sanar dúvidas de todos envolvidos diante de uma forte consolidação do senso comum o incomoda e muito, pelo papel da casa ser um espaço de cultura independente, de resistência de contra cultura.

SL afirma que são as divisões que se apresentam quanto aos grupos que participam da gestão do espaço e da entidade. Mesmo afirmando que a diversidade é um elemento positivo da casa, expõe que a diversidade se confunde com divergência em momentos que não deveria.

Quanto à última questão que trata sobre o que poderia ser proposto e não é, e porque não é proposto. Todos tiveram uma resposta no mesmo sentido de expor o potencial do CCMB e a queixa da falta de recursos. O caráter rudimentar da estrutura da entidade.

Eb expressa que o espaço poderia ter equipamentos melhores e aparelhos para um estúdio de gravação para os músicos locais. Expôs que esta proposta não ocorre por causa da falta de recursos e que a direção está buscando participar de editais de financiamento a projetos culturais. Para desta forma a entidade ampliar sua independência, pois sua natureza independente a coloca em uma contraditória condição de dependência ao trabalho voluntário de seus envolvidos. Fato que as vezes impossibilita uma maior cobrança de responsabilidade dos envolvidos pela situação de voluntariedade da ação no CCMB.

JF expressa que o espaço poderia ter mais computadores para desenvolverem um projeto de inclusão digital. O argumento do porque não ocorre é o mesmo, falta de recurso.

SL afirma que gostaria que o espaço fosse um Ponto de Cultura¹⁹ pois as atividades que já ocorrem poderiam ser potencializadas pelo financiamento. E o trabalho de construção de público e fruição de bens e serviços culturais teria mais força no sentido da sustentabilidade da cena cultural local.

O interessante deste apanhado de impressões e opiniões dos educadores expõe mais subsídios de análise quanto ao nosso problema de pesquisa que é: *a)* se este espaço é um espaço cidadão e *b)* se este espaço se constitui enquanto uma política pública independente de juventude. Nas declarações dos educadores podemos afirmar que está contemplado o compromisso com um caráter de educação cidadã das atividades. Que o conceito de cidadania se constitui em um sentido de valorização da autonomia que fica exposto na valorização do processo dos jovens enfrentarem os desafios.

É importante esclarecermos que o consenso destes agentes quanto a necessidade do CCMB evoluir no sentido de financiamento de recursos não destitui deste seu caráter independente. Pois as políticas efetuadas pela

¹⁹ Programa de financiamento público dentro de uma perspectiva de financiar iniciativas da sociedade com recursos públicos.

entidade são públicas, o seu financiamento não, os recursos que cobrem o aluguel do prédio e os materiais são todos oriundos de doações de apoiadores e dos agentes envolvidos com a entidade. Mas é importante enfatizar que as ações que o CCMB realiza são demandas não atendidas pelo poder público e de responsabilidade do poder público, presente no Estatuto da Juventude.

Art. 2º O disposto nesta Lei e as políticas públicas de juventude são regidos pelos seguintes princípios:

I - promoção da autonomia e emancipação dos jovens;

II - valorização e promoção da participação social e política, de forma direta e por meio de suas representações;

III - promoção da criatividade e da participação no desenvolvimento do País;

IV - reconhecimento do jovem como sujeito de direitos universais, geracionais e singulares;

V - promoção do bem-estar, da experimentação e do desenvolvimento integral do jovem;

VI - respeito à identidade e à diversidade individual e coletiva da juventude;

VII - promoção da vida segura, da cultura da paz, da solidariedade e da não discriminação; e

VIII - valorização do diálogo e convívio do jovem com as demais gerações. (BRASIL, 2013)

O CCMB como uma entidade não governamental atende ao que preconiza o Estatuto da Juventude, em seu Capítulo II, seção I, art. 4º:

I - a inclusão do jovem nos espaços públicos e comunitários a partir da sua concepção como pessoa ativa, livre, responsável e digna de ocupar uma posição central nos processos políticos e sociais;

II - o envolvimento ativo dos jovens em ações de políticas públicas que tenham por objetivo o próprio benefício, o de suas comunidades, cidades e regiões e o do País;

III - a participação individual e coletiva do jovem em ações que contemplem a defesa dos direitos da juventude ou de temas afetos aos jovens; (BRASIL, 2013)

Os diretores do CCMB tem convicção de que não há contradição entre ser independente e receber recurso público para executar ações públicas. O entrevistado Sandro afirma que a entidade já cumpre funções que deveriam ser cumpridas pelo Estado. A entidade defende que mecanismos democratizantes como os conselhos de juventude e cultura sejam criados para que os jovens e os artistas possam participar do processo de formulação de políticas e de investimentos nestas políticas. E o fator principal é que o CCMB sabe fazer a política pública, porque os jovens que dão vida e vivem nele, diferente das instituições públicas.

4.2 OS EDUCANDOS DO CENTRO CULTURAL MARCELO BREUNIG²⁰

Também elaboramos algumas questões para três educandos do CCMB. Entendemos que na perspectiva de educação que assumimos o foco se coloca na aprendizagem e o estudante ou educando é prioritário no processo. As questões são as seguintes: 1- Que atividade você considera que leva a autonomia e independência? 2- Qual atividade você mais gosta? 3- Qual não gosta? 4- O que deveria ser proposto?

Os jovens entrevistados foram Gb (18 anos, estudante de Relações Públicas, atua há dez meses no CCMB), Den (19 anos, estudante de Direito, atua há um ano no CCMB e é atual presidente da entidade) e a CP (26 anos, estudante de Design de interiores, atua há 8 anos no CCMB). A escolha destes jovens se deu pela facilidade de acesso e pelo fato de estarem atuando no CCMB um tempo razoável, foi difícil ter acesso com jovens que estão há menos tempo envolvidos. Este grau de envolvimento também torna inquestionável a propriedade destes sujeitos quanto as suas opiniões a respeito do objeto de pesquisa.

Com palavras diferentes os três responderam que a dinâmica de participação do CCMB já leva os envolvidos a pratica de autonomia e independência. CP explica que no próprio processo de organizar as atividades os resultados serão variados e nesta ação pratica, surgem frustrações,

²⁰ Os respectivos entrevistados autorizaram e consentiram a publicação de suas identidades, bem como de suas declarações (termo de consentimento à disposição)

entusiasmos e de maneira autônoma vamos aprendendo, a curiosidade vem nos formando.

Entre nós, mulheres e homens, a inconclusão se sabe como tal. Mais ainda, a inconclusão que se reconhece a si mesma, implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca. Histórico-sócio-culturais, mulheres e homens nos tornamos seres em que a curiosidade, ultrapassando os limites que lhe são peculiares no domínio vital, se torna fundante da produção do conhecimento. Mais ainda, a curiosidade é já conhecimento. (FREIRE, 2002, p.22)

As respostas da segunda pergunta foram muito ricas pois dois dos entrevistados (CP e Gb) responderam que eles mesmos é que propõe as atividades e era difícil escolher alguma. Explicaram que o interessante do Cine Funde Cuca é que quando há dúvidas sobre um determinado tema, um exemplo: a questão da Palestina, pode ser proposto um documentário que pautasse esta questão. Mas também pode ser proposto um debate sobre um tema com algum convidado que estude este tema. Den expôs que o processo de pensar projetos novos, pesquisar editais e elaborar projetos para concorrer em editais de financiamento é uma atividade que lhe satisfaz pelo grau de desafio, pois embora tenham participado de alguns editais o CCMB só foi contemplado em um edital do Ministério da Educação²¹ em parceria com uma escola. Os recursos deste projeto foram todos geridos pela escola, embora o CCMB que descobriu o edital, procurou a escola e pensou, elaborou e executou todo o projeto.

Quanto a pergunta 3 CP expressa uma insatisfação parecida com a do educador SL ao reclamar das divisões internas dos agentes do CCMB. Afirma que as vezes algumas pessoas que participam da entidade confundem o fato de não ter tanta afinidade pessoal com divergência de opinião e isso é um fator que atrapalha um melhor andamento dos trabalhos. Den disse não haver nenhuma atividade que ele não gostasse. Gb afirmou não gostar das atividades do Garagem Aberta que tem na programação de estilos musicais que não são de seu gosto preferido. Mas concluiu afirmando que respeita, entende que isto está dentro do princípio de diversidade da casa e que as vezes faz um esforço para frequentar estas atividades.

Quanto à pergunta que trata de uma proposta que poderia ser realizada pela entidade e que não é CP afirmou que poderia ser organizado um curso

²¹ O Projeto Mais Cultura na Escola 2014.

preparatório para a prova do ENEM²² e que o fato desta ação não ocorrer ainda é pela falta de professores com tempo e disposição para dar as aulas de forma voluntária. Gb afirma que seria um tele centro e segue expondo que o impedimento é a falta de computadores. Den explica que a casa faz tudo que está ao alcance de seus diretores e participantes e para fazer mais do que isso apenas com um maior suporte financeiro, que ele espera que seja conquistado através de algum edital.

O que impressiona nestes relatos é o empoderamento destes jovens ao se envolverem com o CCMB. O presidente da entidade é um educando que está envolvido com o espaço há pouco tempo e já assume a responsabilidade de ser protagonista e representante legal da entidade. As opiniões quanto ao caráter de autonomia e de formação que a casa tem através das atividades que desenvolve expõe o grau de formação cidadã e de condição de cada um de mensurar os resultados destas ações. Bem como apresentam propriedade ao tratar das limitações do espaço a dos problemas nas relações de poder e internas.

Podemos observar um tom articulado também nas concepções a respeito do espaço e podemos estipular aqui o elemento educativo enquanto esta ideia mais geral de estrutura de poder horizontal. De uma relação dialógica no âmbito educativo e o teor pedagógico através das ações, atividades.

Cumprir destacar portanto duas questões: a educativa e a pedagógica. A educativa é um processo cujos os produtos são realimentadores de novos processos. A pedagógica são os instrumentos utilizados no processo. Aqui, também, a diferença entre os procedimentos atuais e as práticas tradicionais de aprendizagens são visíveis. (GOHN, 1999, p. 19)

E o pedagógico aparece através das ações, atividades, formas de tomar as decisões coletivamente. O ambiente se ilustra como humano, com limites, porém embasado num processo originado em legitimidade dialógica. Como uma experiência não hierarquizada de aprendizagem. O educativo é inerente aos princípios, a epistemologia de uma ação educativa que liberte, interaja e empodere o coletivo.

²² Exame Nacional do Ensino Médio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo foi desafiador no sentido de buscar investigar um ambiente onde eu convivi e onde minha formação se forjou. A tarefa de exercer um distanciamento foi construtiva no sentido de executar esta pesquisa dentro de princípios éticos, científicos e de estabelecer como norte o objetivo de realizar um bom trabalho. A opção pelo método do estudo de caso se deu pelas possibilidades abrangentes deste instrumento diante de minha relação de vínculo de treze anos com o objeto de pesquisa e do acesso a múltiplas evidências e testemunhas desta experiência. E neste ponto afirmo a segurança deste trabalho.

O estudo de caso completo deve demonstrar, de maneira convincente, que o pesquisador despendeu esforços exaustivos ao coletar as evidências relevantes. A documentação dessas evidências não precisa ser incluída no texto do caso, o que o tornaria muito entediante. Para isso, você pode utilizar notas de rodapé, apêndices e assim por diante. O objetivo geral, no entanto, é convencer o leitor de que pouquíssimas evidências relevantes permaneceram intocadas pelo pesquisador, dados os limites do estudo de caso. Isso não significa que o pesquisador deve coletar, literalmente, todas as evidências disponíveis - uma tarefa impossível -, mas que as partes importantes receberam total atenção. (YIN, 2001, p.182)

Desta forma procurei utilizar todos documentos disponíveis como estatuto, atas, registros de presenças, fotografias, cartazes, folders, fotografias, matérias de jornais impressos, blog, páginas das redes sociais e entrevistas dialogadas. Porém minha intenção também foi de poder contribuir, de alguma forma para esta entidade, para os envolvidos com o Centro Cultural Marcelo Breunig. Fazendo uma análise sobre esta experiência e buscando perceber não só os pontos positivos, os exemplos, mas também os limites. E tentar desta forma contribuir para que estes limites sejam superados. Por isso a intensão de neste estudo deixá-los diagnosticados.

Posso elencar agora alguns destes limites, destacando primeiramente que o as evidencia e nossas analises afirmam que o CCMB é um espaço de educação não escolar de jovens e também um espaço cidadão. Porém mesmo com características de princípios de educação dialogadas, com estruturas de relações de poder horizontais não há nenhum documento da entidade que estabeleça suas diretrizes a respeito deste papel educativo. Optei por não utilizar o estatuto ou fragmentos deste no trabalho devido ao teor meramente

burocrático que ele contém. Ele trata das questões de composição dos fóruns de decisão, é claro procurando estabelecer diretrizes participativas e democratizantes, mas não trata de questões referenciais e nem de princípios sobre áreas centrais para a entidade como educação e cultura. Mesmo com o lema da entidade sendo: cultura independente para fazer a diferença.

Entendo que o fato e o ato de marcar em um documento o princípio de educação é fundamental para garantir que as práticas permaneçam progredindo, dialógicas, progressistas e libertárias. Documentar, registrar, orientar posição de não neutralidade é um limite diagnosticado.

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professor simplesmente a favor do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. (FREIRE, 2002, p. 39)

Este registro, documento ou regimento assumindo princípios e posição a respeito da educação não precisaria passar por reformas estatutárias. Mas poderiam ser sancionados em um Projeto Político Pedagógico do CCMB. Um documento independente do estatuto, porém construído democraticamente e com o cuidado e atenção que este tema merece.

Outro limite observado é a possibilidade de uma melhor convivência diante dos grupos, da diversidade, das opiniões que gerem a entidade. Nas entrevistas pudemos ver nas falas de educadores e educandos estas situações de conflitos como aspecto negativo. A diversidade é elemento valorizado pela história do CCMB e fator enriquecedor de qualquer ambiente de produção e expressão artística, de reflexão e ação política.

O grau de organização técnica é uma área que necessita passar a outro nível. Para acompanhar a concepção de seus gestores, educadores e educandos de que não há contradição em ser independente e receber financiamento privado ou público. O critério de independência se constitui no ato de não haver influência do poder público ou de empresa privada nas ações, nos princípios, nas diretrizes da gestão da entidade. E é improvável que possa ocorrer este desvirtuamento desta entidade que originalmente se desenha e se concretiza incorporando uma identidade legítima de independência.

Para concluir reafirmamos que diante das evidencias expostas aqui, o Centro Cultural Marcelo Breunig se configura em um exemplo legítimo de política pública independente com juventude. Atende, através destas evidencias critérios suficientes para ser considerado um espaço de educação não escolar e de exercício de práticas cidadãs. Um espaço que deu muito e que muito ainda tem a dar para a sociedade e para uma educação libertária.

Fica o questionamento de porque estas experiências não são apreendidas pelo poder público de todos os âmbitos? Porque o poder público local se expressa absurdamente contrário a criação de um Conselho Municipal de Juventude que é demanda levantada pelo CCMB e outras entidades representativas de juventude? Esperamos que estas indagações não tenham o mesmo desfecho que o inquérito policial que (*deveria*) investigou o assassinato do Jovem Marcelo em 2001. Encerro com estas palavras que proferiu Makarenko, proferidas por ele em sua revolta diante da barbárie que viu jovens sofrerem:

Mas eu continuo calado: dentro de mim mesmo fervem a ira e o ódio contra todo esse mundo selvagem. É o ódio da impotência, porque eu sei muito bem: hoje não é o último dia. (MAKARENKO, 1985, p. 76)

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Estatuto da Juventude. Lei 12.852, de 5 de agosto, Brasília-DF: 2013.
- _____ Lei Federal nº 11.129 de 30 de junho de 2005.
- _____ Projeto de Lei nº 4530/2004 – Proposta de Plano Nacional de Juventude.
- _____ Guia de Políticas Públicas de Juventude. Brasília: Secretária-geral da Presidência da República, 2006.
- CONJUVE. Documento Base da I Conferência Nacional de Juventude: Levante sua bandeira. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude; Fundação Friedrich Ebert, 2008.
- EMICIDA. O glorioso retorno de quem nunca esteve aqui. Mídia: CD, Qualidade: Mp3, 2013.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. São Paulo-SP: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo-SP: Paz e Terra, 2002.
- GOHN, M. da Glória. Educação Não-Formal e Cultura Política. Impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 1999.
- GOHN, M. da Glória. Movimentos Sociais e Educação. São Paulo: Cortez, 1999.
- INSTITUTO CIDADANIA. Documento de conclusão do Projeto Juventude. São Paulo, 2004.
- MAKARENKO, A. S. Poema Pedagógico. Tradução: Tatiana Belinsky. São Paulo. SP: Editora Brasileira, 1985.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. A IMPERIOSA NECESSIDADE DE UMA TEORIA E PRÁTICA PEDAGÓGICA RADICAL CRÍTICA: Diálogo com Jurjo Torres Santomé. Entrevista feita pelos professores: João M. Paraskeva Universidade do Minho, Braga, Portugal; Luís Armando Gandin, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil; Álvaro Moreira Hypolito, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, UFPel. Revista: *Currículo sem Fronteiras*, v. 4, n. 2, pp. 5-32, Jul/Dez 2004.
- SAVIANI, Demerval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações, 7ª. Ed. Campinas, Autores Associados, 2000-a.
- SPOSITO, M. Pontes. Juventude e Educação: interações entre a educação escolar e a educação não-formal. In: Educação & Realidade, nº 33(2), p. 83-98, jul/dez, 2008.

UNESCO - Políticas Públicas de/para/com Juventudes - UNESCO, Brasília, 2004.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001.

Sites visitados:

<http://www.camaracb.rs.gov.br/> (visitado em 15/08/14, 20/09/14 e 16/11/14)

<http://www.campobom.rs.gov.br/> (visitado em 17/09/14, 20/09/14, 16/10/14)

<http://centroculturalmb.blogspot.com.br/> (visitado em 14/08/14, 23/09/14, 23/11/14)

<https://www.facebook.com/CentroCulturalMarceloBreunig?fref=ts> (visitado em 17/08/14, 22/09/14, 20/10/14, 07/11/14)

<http://novo.campobom.rs.gov.br/noticia-4113/semana-da-juventude-inicia-com-programacao-voltada-saude> (visitado em 14/11/14)

ANEXO I - (Fotos, logomarca e matéria sobre o CCMB)



Logo do Centro Cultural Marcelo Breunig.

CIDADES | 6 | JORNAL INTEGRAÇÃO
Quarta-feira, 02 de julho de 2014

Espaço para cultura, arte e lembranças

Centro de Cultura Marcelo Breunig reúne ativistas que expõe as obras de artes e debatem também educação

Campo Bom - A Associação de Cultura foi fundada no ano de 2003, com o propósito de abrir um espaço para jovens e adultos mostrar suas obras de arte e realizar reuniões e debater assuntos relacionados a comunidade, começou a ser desenhada no final da década de 90 pelo jovem Marcelo Breunig, que trabalhava no setor calçadista.

Integrante do movimento estudantil, o jovem atuante em meio a juventude campobonense teve um fim trágico no ano de 2001 quando foi assassinado próximo a antiga rodoviária de Campo Bom.

Amigos e integrantes dos movimentos em forma de protestar contra a morte do jovem, fundaram dois anos após seu falecimento, a Associação que leva o nome de Marcelo Breunig. De acordo com o presidente da Associação Denian Pereira, o espaço da Casa de Cultura recebem atualmente jovens e adultos que atuam em meio a arte e tem exatamente este espaço como ponto de referência para encontros e exposição de suas obras.

"A casa hoje detém de três projetos que

constituem em saraus poéticos, Garagem aberta com presenças de bandas e o Bombardeio Revolucionário artístico voltado para a Cultura Hip Hop" destacou Pereira. O jovem contou, que algumas ONGs do município também usufruem do espaço da casa, onde realizam algumas reuniões para debates.

Outro fator importante é a disponibilidade de uma Advocacia Popular que tem suas reuniões sexta e sábados das 9h às 11h, com acesso gratuito a todos os que quiserem informações sobre direitos básicos do cidadão, além de contar também com uma biblioteca aberta a todos.

O jovem Sandro Luiz dos Santos, que ocupa o cargo de tesoureiro, informou que o Centro é uma diretoria legalizada com 18 pessoas, sendo a maioria dos componentes pessoas ligadas a cultura alternativa da cidade de Campo Bom.

"Os jovens e adultos que ali realizam suas obras de arte, são pessoas que muitas vezes buscam um espaço e na maioria das vezes não tem uma oportunidade de mos-

trar, mas aqui no Centro Cultural, eles sempre são bem vindos e podem se sentir parte da família", destacou Sandro, que finalizou convidando aos jovens que pretendem fazer

o Enem este ano, de que aos domingos está sendo realizado um curso de preparação, e que os interessados devem procurar a sede da instituição.



Jovens mantêm o Centro Cultural aberto fomentando a arte e artistas locais

Matéria no jornal Integração, na foto na faixa do espaço o atual presidente e um dos fundadores.



Garagem Aberta dia 22/06/2013.



Jovens no saguão da casa durante atividade, 2013.



Folder de mais uma atividade do CCMB.

ANEXO II – (Matéria da Semana da Juventude)

Semana da Juventude inicia com programação voltada à saúde



Iniciou nesta segunda-feira, 22, a Semana da Juventude com uma programação voltada para a saúde e bem-estar dos jovens. Enquanto um grupo participava de um evento musical no pátio do Centro Municipal de Educação Ambiental (Cemea) Nestor Weiler, outros viam de perto a problemática das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) com uma aula de prevenção no *Caminho das Surpresas*. A Semana da Juventude vai até o dia 28, sendo promovida pela Prefeitura, por meio das secretarias municipais de Educação e Cultura (Smec) e de Saúde (SMS) e tem como objetivo integrar os adolescentes em atividades culturais e em prol da saúde.

Um labirinto com as portas feitas de preservativos, o *Caminho das Surpresas*, contava com várias alas, onde os jovens que passavam recebiam diferentes orientações, como o uso de métodos contraceptivos, prevenção de DST's, preconceito e também sobre mitos e verdades a respeito do uso da camisinha. No espaço, os adolescentes também se sentiam livre para tirar dúvidas sobre sexualidade. Uma das estudantes, Dienifer Mundins, 13 anos, aprovou a ação e a considerou inusitada. “Foi muito diferente e interessante aprender sobre o assunto”, destacou a aluna do 8º ano da escola Presidente Vargas.

Semana da Juventude vai até dia 28

Durante toda a semana, das 8h às 11h30min, e na terça-feira, que ocorrerá também no turno da tarde, das 13h às 16h, mais de 700 estudantes do 7º ao 9º ano das escolas municipais de Campo Bom participarão de atividades no Cemea. No local, as turmas farão a visita ao *Caminho das Surpresas*. Além disso, os adolescentes participarão de um bate-papo com os profissionais da Secretaria Municipal de Saúde, onde receberão orientações de agentes e também poderão sanar dúvidas sobre questões relacionadas ao tema. No local também ocorrerão apresentações artísticas das escolas que participam do programa *Multiplicadores da Vida*, da Smec.

No sábado, 27, das 10h às 19h, o Largo Irmãos Vetter dará lugar à discotecagem, apresentação de B Boys e ao graffiti, com a pintura de painéis. Além disso, estará disponível um espaço para a prática do *Slackline*. No domingo, 28, das 14h às 19h, todas essas atividades ocorrem na pista de esportes radicais do CEI. Para encerrar a Semana da Juventude com música, haverá o *Domingo Musical Especial Bandas Marciais*. O evento que ocorre no Anfiteatro do CEI tem por finalidade valorizar o trabalho das bandas das escolas das três redes de ensino.

APENSO (Termo de declaração de concordância da entidade)**TERMO E DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA**

Campo Bom, 1 de dezembro de 2014.

Vimos através deste declarar nossa autorização e concordância com a pesquisa realizada pelo graduando do curso de Pedagogia da Faculdade de educação da UFRGS Valter Fernando Farias Lemos Junior no Centro Cultural Marcelo Breunig. A pesquisa foi realizada durante o segundo semestre do ano de 2014, como trabalho prático de pesquisa educacional para fins do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Vale mencionar que o comprometimento tanto da instituição como da/o aluna/o que ora se apresenta é de respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho. Desta forma, informamos que o trabalho entregue para o professor orientador, no dia primeiro de dezembro, para apresentação, tem a concordância e autorização da direção do CCMB.

Desde já agradecemos sua atenção e cooperação.



Denian Pereira Balon

Presidente do Centro Cultural Marcelo Breunig

Associação Cultural Marcelo Breunig

CNPJ: 07.855.460/0001-40

Rua Voluntários da Pátria, 214

Centro Campo Bom - RS